

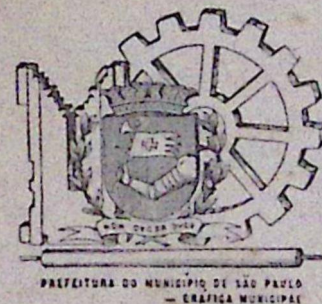
ZAIDE MACIEL DE CASTRO  
E  
ARACI DO PRADO COUTO

# "FOLIAS DE REIS"

Separata da  
REVISTA DO ARQUIVO  
CLXV



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO  
SÃO PAULO — 1959



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
— GRÁFICA MUNICIPAL

98  
3558

3  
0

## I — MIGRAÇÃO DAS FOLIAS

Há alguns anos que o êxodo rural, na região metropolitana, vem atraindo para a Capital da República um folguedo popular existente na vasta área que dela depende. Esse folguedo — a folia de Reis — podia ser notado, somente, nas cidades da orla septentrional de fronteira do Distrito Federal, especialmente Caxias e Nova Iguaçu, mas, ultimamente, os devotos dos Magos têm estendido a sua penetração, multiplicando-se como cogumelos por todos os bairros cariocas, desde Irajá, o Morro do Salgueiro e o Jacaré-zinho até o Leme e a Gávea. Trazem-no fluminenses, mineiros e capixabas que, tendo emigrado em busca de trabalho e de melhores condições de vida, encontram estímulo para a folia no grande número de conferrâneos do mesmo escalão social que todos os anos engrossam a população carioca.

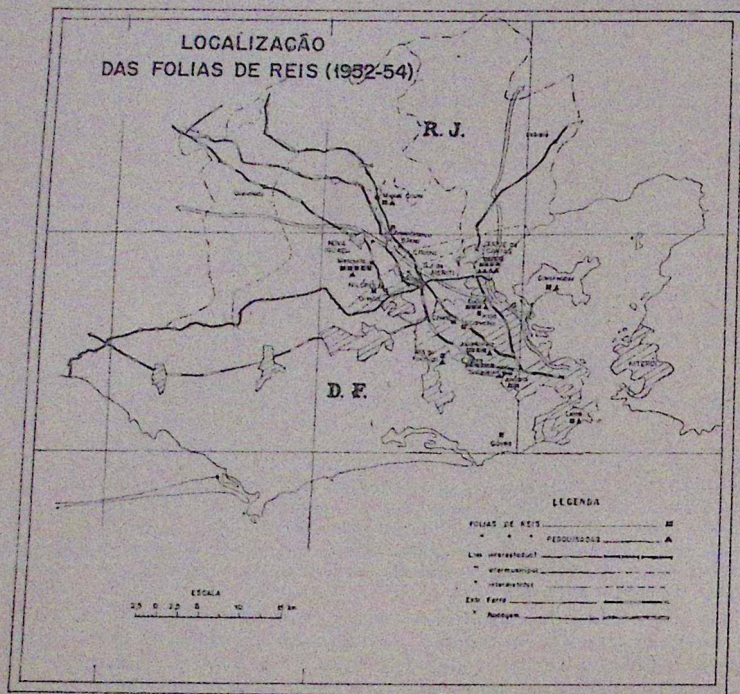
Homens, coisas e elementos culturais descem, da região metropolitana, para o Distrito Federal, — e vice-versa. Quase nunca, porém, a transferência se faz sem escalas. No tocante às folias, parece-nos, podemos dizer que um primeiro ponto de convergência foi o município de Nova Iguaçu, outrora famoso pelos seus laranjais, uma unidade político-administrativa de que se destacaram, sucessivamente, os municípios de Nilópolis, Caxias (Duque de Caxias) e São João de Meriti.

Estes municípios, que na prática não passam de subúrbios cariocas, são os mais próximos do centro metropolitano e — se descontarmos Niterói e cidades de veraneio como Petrópolis e Terezópolis — têm maior número de laços e ligações com a Capital, como o revela um estudo sociológico sobre a região metropolitana do Rio de Janeiro, realizado pela Prefeitura carioca (1953). Assim, em 1951, das 5.690 ligações telefônicas interurbanas de Nova Iguaçu, 4.424 foram completadas com o Distrito Federal; das 2.771 de Caxias, 2.311; das 1.266 de Meriti, 1.054; das 1.159 de Nilópolis, 867. E, durante o mês de março do mesmo ano, as companhias de transporte rodoviário levaram a Caxias 411.608 passageiros (16.334 viagens), 173.472 a Meriti e 137.336 a Nova Iguaçu. Estes números, acrescentemos, não dão mais do que uma pálida idéia do movimento de passageiros entre essas cidades e o Rio de Janeiro, pois não computam o trânsito nos trens da Leopoldina, que servem a Nova Iguaçu e Nilópolis.

Os anos só fizeram aumentar e intensificar o intercâmbio com a Capital. De trem, de ônibus e de lotação, a viagem, para qualquer destes pontos, dura 40 minutos a uma hora, ou pouco mais. A relativa facilidade de transporte parece em grande parte responsável pela invasão das folias, pelo septentrião, aquém das fronteiras cariocas.

Nova Iguaçu, ponto primitivo de concentração e de migração das folias em direção à capital, foi suplantada, há alguns anos, pela efervescente e próspera cidade de Caxias.

Sob muitos aspectos, bons e maus, Caxias lembra as povoações do "far-west americano no século passado. Foi extraordinário o surto de progresso experimentado pela localidade. Simples distrito de Nova Iguaçu em 1940, com 24.711 habitantes, transformou-se, durante a guerra, num grande entreposto de gêneros de primeira necessidade, então escassos no Distrito Federal, por estar plantada sobre o antigo traçado da estrada Rio-Petrópolis, na proximidade imediata do grande centro consumidor. Nova Iguaçu, que normalmente teria desempenhado esse papel, teve de esperar pela Via Dutra. Em 1950, a população de Caxias crescera para 92.459 homens e mulheres (um aumento de 274%) organizados em município independente, com 108 estabelecimentos industriais, luz, telefone, um comércio varejista em expansão e várias companhias de transporte interno. Ali se concentrou, nesse intervalo decisivo, — ao menos como primeira residência, como trampolim para o Rio de Janeiro, — a maioria dos emigrados dos mais diversos pontos da região metropolitana. Foi ali, também, que as folias, diversão trazida por êsses nacionais, se prestigiaram de modo a competir com macumbas e escolas de samba na preferência popular. Durante a jornada, Caxias comprova a receptividade local para o novo folguedo, com as suas ruas frequentadas por várias folias ao mesmo tempo, os seus ares quentes e úmidos vibrantes com



a ritmada pancadaria do bumbo e os gritos e as gargalhadas dos palhaços e, aqui e acolá, em meio a alacre e esfuziante algazarra, as suas crianças, em ludo, vestidas a caráter, acompanhando uma bandeira, a brincar "o Reis".

Os vários grupos de foliões, dispersos, desagregados nas cidades da região metropolitana, aglutinaram-se novamente em Caxias e dali, com o reforço de novos emigrados, — muitos deles conheceram a folia na roça, contribuíram com dinheiro para a jornada ou dela participaram como mestres, foliões ou palhaços, — começaram a conquistar, paulatinamente, o território e o interesse dos cariocas.

Sabemos da existência de folias nos seguintes pontos do Distrito Federal:

Irajá	Engenho Novo
Morro do Salgueiro	Morro do Jacarézinho
Morro da Formiga	Andaraí
Morro da Babilônia	Gávea
Vicente de Carvalho	Ilha do Governador
Coelho Neto	Parada de Lucas

O povo carioca lhes dispensa, como escreveu Edison Carneiro, uma "aceitação tolerante, curiosa e benévola", que abre às folias, de par em par, as portas do Distrito Federal.

## II — REFERENCIAS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada durante as jornadas de 1952-53 e 1953-54. As anotações então tomadas foram confirmadas ou corrigidas durante grande número de entrevistas com mestres, contra-mestres e foliões, às quartas-feiras, na sede da Confederação dos Reisados, organismo de vida efêmera que congregava algumas dezenas de folias, e em reiteradas visitas particulares. A pesquisa incluiu documentação fotográfica, filmagem e gravação de cânticos das folias e de chulas dos palhaços. Embora tenhamos travado conhecimento com muitas das folias representadas na Confederação, o trabalho sistemático de pesquisa refere-se apenas às seguintes:

### a) — Caxias:

- 1 — Flôr do Oriente, de Miguel Vicente de Moraes, carpinteiro, branco, natural de Miracema, ER, à Trav. Manuel Ferreira dos Santos, 430, Tanque do Anil.
- 2 — Voz do Disco Guanabara, de João Pacheco dos Reis, refinador de açúcar, pardo, natural de Juiz de Fora, MG, à rua Guanabara, 381. O mestre explicou-nos que a folia se chama "voz do disco" porque canta, sendo "Guanabara" em virtude do nome da rua de onde sai.
- 3 — Oriente Santa Maria, de Alvaro de Andrade, trabalhador braçal, preto, natural de Carmo, ER, à rua Cruz das Almas, lote 13, Parque Florestal.
- 4 — Estrela do Oriente, de José Moraes, pedreiro, branco, natural de Monte Alegre, localidade fluminense que não conseguimos identificar, à rua Guanabara, 305. Esta folia desintegrou-se depois da jornada de 1952-53.

## b) — Nova Iguaçú:

5 — Estrela d'Alva, de Ernesto Campos Ramos, portuário da APRJ, preto, natural de Vassouras, ER, à rua Uruguai, 225, Mesquita.

6 — Três Reis do Oriente, de Manuel Aniceto da Costa, ferroviário da EFCB, à rua Almerinda, 44, Miguel Couto.

## c) — Distrito Federal:

7 — Nova Aurora, de Quintino Cesário Dias, mata-mosquitos, preto, natural de Cantagalo, ER, à rua Martinica, 19, Parada de Lucas.

8 — Estrela do Nascente, de Antônio Pereira da Costa, pedreiro, preto, natural de Alegre, ES, à rua Castelnuovo, 519, Morro da Formiga.

9 — Três Reis do Oriente, de Joaquim Irineu da Silva, carpinteiro, natural de Pirassantana, localidade mineira que não pudemos identificar, à rua da Glória, 63, Jacarézinho.

10 — Cruzeiro do Sul, de Júlio Agrícola da Silva (Julinho), estucador, fardo, natural de Miracena, ER, à rua Olímpia, 786, Morro do Salgueiro. Esta folia encerrou as suas atividades, por haver cumprido os sete anos regulamentares, depois da jornada de 1954-55.

11 — Estrela do Oriente, de Manuel Jorge, carpinteiro, preto, natural de Cordeiro, ER, Morro da Babilônia (Leme).

12 — Estrela da Guia, de Manuel Pedro da Silva (Baioça), mata-mosquitos do Serviço de Malária, preto, natural de Juiz de Fora, MG, mas registrado em Carangola, ER, à rua 70, n.º 400, Vila Garabu, Ilha do Governador.

Os mestres Julio Agrícola da Silva e Manuel Pedro da Silva são chamados, universalmente, pelos seus apelidos, Julinho e Baioça, — um hábito que seguiremos neste trabalho.

Estes grupos chamam-se, normalmente, folias de Reis, mas dois dos acima mencionados dão-se o nome de "reisados" e um outro o de "jornada".

A escolha destas folias não atendeu a qualquer critério de seleção, senão à facilidade do contato e à seriedade dos informantes. A despeito disso, temos certeza de que constituem uma boa amostra. As folias de João Pacheco, Miguel Vicente e Alvaro de Andrade estão entre as mais significativas de Caxias, uma circunstância que se repete para a de Ernesto Campos em Mesquita (Nova Iguaçú). No Distrito Federal, a pesquisa alcançou a de Julinho, de boa nomeada entre as folias, e as de Manuel Jorge e Baioça, modelos de pequenas folias bem organizadas. Não chegamos, entretanto, a estabelecer contato mais íntimo com a mais famosa folia do Distrito Federal, — Penitentes de Irajá, de Manuel Alves Ribeiro (Quinha), à rua Miranda Brito, 184, Irajá, — de que, aliás Julinho foi, durante nove anos, contra-mestre.

Creemos, assim, que as generalizações que, na base dos dados da pesquisa, aqui fizermos, serão válidas para todas as folias do Distrito Federal e da sua fronteira septentrional.

## III — O EFETIVO DA FOLIA

## Promessa

A folia — um sinal de júbilo pelo nascimento de Cristo — organiza-se, em geral, em consequência de promessa, isto é, um compromisso livremente assumido, que obriga a folia a sair um mínimo de sete anos a fim de se conseguir a desejada graça.

O caso mais comum é que a promessa tenha sido feita pelo mestre, mas encontramos também folias que saem por promessa comum de todos os seus componentes (Estrela d'Alva, Mesquita, Nova Iguaçú) e até mesmo de outra pessoa (Estrela do Nascente, Morro da Formiga).

Entre os entrevistados, somente dois mestres declararam outros motivos. Manuel Aniceto, de Três Reis do Oriente (Miguel Couto, Nova Iguaçú), sai com a sua folia "porque gosta", enquanto Alvaro de Andrade, da Oriente Santa Maria (Caxias), mantém a sua "pra continuar como na roça".

João Pacheco (Caxias) está comprometido a erguer uma capela ao lado da sua residência; Julinho (Morro do Salgueiro), entrevado até a véspera dos Reis, fez o voto de organizar uma folia se ficasse bom — e logo no dia seguinte levantou da cama e pôde louvar condignamente os Magos; e, quanto a Baioça, a promessa que fez vivava a conseguir dos poderes celestiais a vitória do Brasil na guerra passada.

## Parentes e amigos

A folia constitui-se com amigos, parentes, compadres e aliados do mestre, que se reúnem para a jornada dos Reis.

Mulheres e crianças ocasionalmente participam da peregrinação. Baioça da Estrela da Guia (Ilha do Governador), tem na sua folia sete pastoras, enquanto Manuel Jorge, da Estrela do Oriente (Morro da Babilônia), sai com uma rainha (a esposa) e algumas pastoras. O posto de alferes, na Estrela do Oriente (Caxias), foi exercido, durante a sua única e mal-sucedida jornada, pela esposa do mestre José Moraes. O mestre Miguel Vicente, da Flór do Oriente (Caxias), leva consigo dois filhos menores, que tocam chocalho e triângulo. Entre as quatro crianças que abrem a marcha da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro), duas são filhos do mestre Julinho.

Os parentes abundam entre os foliões. Assim, são todos parentes ou contra-parentes na folia de Miguel Vicente, que tem como contra-mestre o sobrinho; um dos palhaços de Manuel Jorge é seu genro e, além da esposa, saem na folia cinco filhos do mestre; um dos palhaços e os tocadores de caixa e de pandeiro da Três Reis do Oriente (Jacarézinho) são respectivamente irmão, filho e primo do mestre; Quintino Cesário (Parada de Lucas) tem entre os seus foliões um filho e dois irmãos; e, na Oriente Santa Maria (Caxias), há tão pronunciado ar de família que nos parece de menos exemplificar com um genro e três filhos do mestre Alvaro de Andrade, com lugar na orquestra como tocadores de sanfona, de caixa e de bumbo, e outro filho como palhaço, entre muitos.

## Uma tendência familiar

Pertencem os foliões, em geral, a famílias que, no interior, patrocinaram, colaboraram ou participaram de folias.

Entre os mestres, Manuel Jorge (Morro da Babilônia), João Pacheco (Caxias) e Joaquim Irineu (Jacarézinho) são filhos de foliões e o avô e os tios de Antônio Pereira (Morro da Formiga) também saíam em folias na sua terra natal.

Entre os palhaços, Bentevi, Pinta Preta e Jilô, da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro), pertencem a famílias de foliões; Pinga-Fogo, da Estrêla da Guia (Ilha do Governador), filho de palhaço, tem ainda um irmão folião; a Estrêla d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu) sai com três palhaços, irmãos, filhos de folião.

Já vimos que esta tendência continua a desenvolver-se aqui. Os filhos, ao nascer, já encontram os pais dedicados, de corpo e alma, à jornada dos Reis. Julinho (Morro do Salgueiro), Alvaro de Andrade (Caxias) e Baioca (Ilha do Governador) participam de folias há mais de 20 anos, tendo começado na primeira adolescência, enquanto Quintino Cesário (Parada de Lucas) o faz desde 1912. Já assinalamos os laços de família que pudemos verificar nas folias pesquisadas.

#### Naturalidade e profissão

Não encontramos, entre os figurantes destas folias, pessoas nascidas no Distrito Federal. Os foliões são todos fluminenses, mineiros e capixabas. Podemos apresentar — descontadas localidades como Monte Alegre, ER, Piratanga e Pirassuntana, MG, fazendas, arraiais ou vilarejos que se não encontram assinalados no mapa, — o seguinte quadro:

Estado do Rio:	Minas Gerais:
Cantagalo	Juiz de Fora
Carmo	Palma
Cordeiro	Leopoldina
Itaocara	
Friburgo	Espírito Santo:
Marquês de Valença	
Miracema	Alegre
Santo Antônio de Pádua	Muqui
Vassouras	

Exceção entre todos estes foliões, o palhaço Bredeguedes Graviola Mijoleta,

faz as moça dá risada  
e as velha fazê careta,

que sai com a Oriente Santa Maria (Caxias), é pernambucano de Garanhuns.

Provinham de Miracema e de Cantagalo os maiores contingentes por nós encontrados. A Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro) iniciou a jornada de 1950-51 em Miracema, num gesto de cortesia para com a localidade, porque 33 dos seus 35 figurantes nela haviam nascido. A Estrêla da Guia (Ilha do Governador) incluía, entre as suas sete pastoras, cinco nascidas em Cantagalo, além de um folião, tocador de caixa, da mesma naturalidade.

Pontos de nascimento de foliões da mesma área aqui estudada, anotados por Araci do Prado Couto, são a localidade de Porto Novo do Cunha e, afora os municípios já citados, Além-Paraíba, MG, Mimoso do Sul e Guaguá, ES.

Muitos destes foliões participaram, no interior, de folias de Reis. São raros os que aderiram ao folguedo já no Distrito Federal ou nos municípios vizinhos e, quando isto por acaso acontece, a razão está na sua pouca idade. Não encontramos estreates. De acôrdo com as informações que obtivemos,

estes foliões fizeram a jornada, anteriormente à sua vinda para a zona estudada, em Juiz de Fora, Palma e Ubá, MG, Cantagalo, Carmo, Miracema, Santo Antônio de Pádua e Vassouras, ER, Alegre e Muqui, ES.

Em geral, os foliões, lavradores no interior, — apenas dois, entre os pesquisados, trabalhavam como carpinteiros, — desempenham agora diferentes atividades. Entre as novas profissões, encontramos pedreiros, carpinteiros, estucadores, um ferroviário, um portuário, um refinador de açúcar, um cabineiro, um caixeiro, mata-mosquitos, trabalhadores braçais. Manuel Jorge, mestre da folia Estrêla do Oriente (Morro da Babilônia), carpinteiro no interior, atualmente fornece pensão a domicílio.

As pastoras das folias são em regra domésticas.

#### Figurantes

Os figurantes da folia são chamados, em conjunto, foliões, mas, havendo necessidade de especificar, dividem-se em foliões e palhaços.

Os primeiros, uniformizados, são cantores e músicos e, durante a jornada, marcham a passo descansado em formação militar, acompanhando a bandeira. Os segundos são principalmente dançarinos e comicos, ficam em segundo plano em relação aos foliões, sofrem uma série de restrições que serão estudadas a seu tempo, mas vestem-se do modo que desejam e cantam chulas à sua vontade, quando chega a sua vez.

O grande número de figurantes de alguma folia, como as de Julinho (Morro do Salgueiro) e Baioca (Ilha do Governador), exigiu o aparecimento do fiscal, cidadão incumbido de zelar pela boa ordem durante a jornada e de solucionar as questões que por acaso surjam.

Uma ou outra vez usa-se o coletivo **compania** para designar a totalidade dos foliões.

#### Mestre

O chefe da folia é o mestre.

Tendo-se organizado a fim de cumprir a promessa que fez, sobre os seus ombros recaem tôdas as responsabilidades da jornada. Os instrumentos lhe pertencem; a vestimenta dos foliões foi comprada com o seu dinheiro; a bandeira foi confeccionada de acôrdo com as suas instruções; os cânticos são de sua autoria; o roteiro a percorrer pela folia, com as alterações que as circunstâncias imponham, depende dele; cabe-lhe dirigir a orquestra e manter a disciplina; guardar o dinheiro angariado; prepara a festa do remate... Está sempre com a última palavra em qualquer problema, interno ou externo, da folia.

Auxilia-o, e substitui-o quando necessário, o **contra-mestre**.

#### O alferes da bandeira:

Tôda folia tem a sua bandeira, o estandarte que a identifica, simbolizando, ao mesmo tempo, a jornada dos Magos a Belém e a interção com que os foliões se dispõem à peregrinação. Por estes motivos, a bandeira representa a folia. A bandeira vai sempre à frente, ladeada pelo mestre e pelo contra-mestre, carregada por um folião a que se chama alferes, alferes da bandeira, bandeirista ou bandeireiro. Uma ou outra vez o alferes é uma mulher, como no caso das folias de José Moraes (Caxias), Baioca (Ilha do Governador) e Manuel Jorge (Morro da Babilônia).

Em geral, a bandeira arma-se com paus em quadro, enfeitados de fitas, papel de seda, espelhos, rosas artificiais, emoldurando um motivo religioso, quase sempre em estampa, ocasionalmente pintado ou bordado. A Adoração

dos Magos é a constante, mas a existência das folias nas proximidades e aquém das fronteiras do Distrito Federal acrescentou à bandeira a figura de São Sebastião, padroeiro da capital, entre os dias 7 a 20 de janeiro inclusive. Assim, entre o Natal e o dia dos Reis, todas as folias trazem na bandeira a cena da Adoração ou os Magos, a camélo, sob a luz da Estrela do Oriente, no caminho de Belém, mas alguns mestres se permitem ajuntar uma ou outra estampa, como a da Virgem, ou exibir de uma vez todos os cantos da sua devoção, como Quintino Cesário, da Nova (Parada de Lucas), que, além dos Magos e de São Sebastião, encontra espaço na sua bandeira para a Senhora da Conceição, São Jorge, São João Batista e os gêmeos Cosme e Damiao. Depois dos Reis, a estampa de São Sebastião passa a figurar em todas as bandeiras até 20 de janeiro, dia do seu martirologio, — nela já não figura desde o início da jornada. A Oriente Santa Maria, de Alvaro de Andrade (Caxias), teve, por ocasião da nossa pesquisa, duas bandeiras, ambas de lamé, uma cor de rosa, com que saiu até o dia dos Reis, e outra verde, até o dia de São Sebastião.

Nem sempre, a bandeira tem esta simplicidade. Em 1953, a bandeira da Voz do Disco Guanabara, de João Pacheco (Caxias), trazia uma estampa da Fuga para o Egito, preparada em macumba carioca, e, no mastro, um galo branco, de barro, e dois dos Magos, igualmente em barro, acima do quadro, e os instrumentos de suplicio do Cristo, abaixo. João Pacheco explicou-nos que o galo anunciara o nascimento e que, no princípio, somente dois Reis tinham ido em busca do Messias, tendo chegado mais tarde o terceiro. A bandeira da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro) era uma composição a óleo: no primeiro plano o Anjo Gabriel, a mangedoura, a Sagrada Família, o boi e o jumento e os Magos em adoração ao Menino, sob a luz de uma grande estrela; no segundo plano, um pastor com uma ovelha; abaixo destas cenas, num canto, "uma" gambá, teria aleitado o recém-nascido,

A gambazinha benta,  
que seu leite ofereceu,  
o Menino abençoó  
e a Virge agradeceu.

de acôrdo com a explicação de Julinho. A fantasia pessoal do mestre, como vemos, pode pôr na bandeira algum toque original.

Usa-se a bandeira como elemento de cortesia, quando em visita a casas amigas; como fator de disciplina, durante as longas caminhadas da jornada; como afugentadora de influências diabólicas, se, por acaso, como aconteceu (1952-53) na folia de José Moraes (Caxias), o Malino tenta algum dos foliões, afastando-o dos seus deveres de penitente; e, finalmente, como receptáculo de esportulas. Com efeito, quando a folia chega a uma casa amiga, a bandeira é a primeira a entrar — e a receber as homenagens do dono da casa. Toda a folia, dentro da casa, forma-se diante da bandeira, se não houver altar, ou ao seu lado, em caso contrário. Se, durante a jornada, ocorre algum ato de indisciplina, o mestre o corrige com a bandeira, ou invocando-a. A simples presença da bandeira junto ao endemoninhado em geral basta para fazê-lo voltar a si. Em qualquer ponto da bandeira os amigos da folia, tanto os velhos como os eventuais, dependuram notas-papel, pregando-as com alfinetes, como ajuda para os gastos da jornada. Antes de sair à rua, iniciando a jornada, os foliões rezam ladainhas diante da bandeira e às vezes levam-na a benzer a uma igreja, depois da hora das missas, se para isso têm permissão prévia do vigário, ou fazem uma cerimônia equivalente ante um cruzeiro ou um presépio. O término da jornada assinala-se, em definitivo, pela entrega do estandarte, que será estudada a seu tempo.

Elemento de cortesia, a bandeira registra o pesar pela morte de componentes de outras folias com um fumo preto, como tivemos ocasião de observar na Flôr do Oriente e na Voz do Disco Guanabara (Caxias). Se o morto fazia parte da folia, duas cerimônias podem ocorrer. Se o folião morre fora da jornada, somente um pano da cor da folia enrola o caixão, que os outros foliões, carregando a bandeira, acompanham até o cemitério, em trajas civis. Se, entretanto, morrer durante a jornada, — ou se o pedir, mesmo em caso contrário, — não somente o morto leva o seu uniforme, como toda a folia, uniformizada, comparece ao enterro. A morte não interrompe a jornada, mas, em virtude do falecimento de um dos palhaços da Oriente Santa Maria (Caxias), filho do mestre Alvaro de Andrade, esta folia não saiu à rua em 1952-53.

A palavra bandeira serve de sinônimo de folia.

O alferes tem por atribuição, não somente carregar a bandeira, mas também guardá-la e defendê-la.

#### Foliões

São no mínimo 12 os foliões, mas, acima desse número, o efetivo da folia pode variar ao infinito. Encontramos folias com 14, 16, 17, 20, 24, 25 e até 35 figurantes, afora os palhaços, sendo que em algumas delas o total cresce devido, ora à presença de crianças, como nas de Julinho (Morro do Salgueiro) e Miguel Vicente (Caxias), ora de mulheres, como nas de Baloca (Ilha do Governador) e Manuel Jorge (Morro da Babilônia), ora dos fiscais.

A vestimenta pertence à folia e não pode ser usada senão durante a jornada. Em geral, os foliões, sobre calças ou saias brancas de sua propriedade, vestem blusa (mulheres), blusão ou túnica (homens), e trazem boné com as cores da folia, fornecidos pelo mestre. Assim, no momento da pesquisa, os foliões de Manuel Jorge usavam blusão azul e boné branco enfeitado com dourados; os de Julinho, dólman verde-musgo, gravata verde de pois, boné verde; os de Baioca, blusão rosa, boné branco; os de Ernesto Campos, blusão e boné azul; os de João Pacheco, blusão vermelho; os de José Moraes, blusão lamé verde-bandeira; os de Manuel Aniceto, blusão e boné azul; os de Joaquim Irineu, blusão rosa, boné verde-azulado; os de Quintino Cesário, blusão e boné azul; os de Alvaro de Andrade, blusão lamé rosa, boné rosa do tipo francês... Quando os foliões usam dólman, trazem também cinturões e talabartes, à maneira militar. Se, porém, usam blusões, estes caem, soltos, por cima das calças. Quanto aos bonés, são enfeitados com espelhos e flôres artificiais, em Caxias e Nova Iguaçu, ou, no Distrito Federal, têm apenas uma fita ou um distintivo, como os dos foliões de Baioca e Julinho, entre outros. O gosto e a fantasia pessoal do mestre dão a farda característicos próprios, acrescentando-lhe fitas, dragonas, bordados e alamares.

Dentre os foliões destaca-se o mestre por pequenas particularidades de traje. Manuel Jorge vestia-se de branco, tendo ao peito uma fita de veludo azul com a palavra rei em cor de prata, e Julinho, todo de branco, trazia uma fita verde e branca sobre o dólman, luvas e bastão, mas estes foram casos extremos entre as folias pesquisadas. Assim, Antônio Pereira distinguia-se dos demais foliões por uma fita verde-amarela e tiracolo, do mesmo modo que José Moraes e Manuel Aniceto; Baioca, por fitas azul e rosa; Ernesto Campos, por uma faixa verde-encarnada-amarela; Joaquim

Irineu, por uma fita verde-encarnada e Alvaro de Andrade por duas fitas cruzadas sobre o peito, uma vermelha, outra verde e rosa. João Pacheco, além da fita verde-amarela, trazia uma coroa à cabeça.

Os foliões dispõem-se em coluna, a dois de fundo, com o mestre (esquerda) e o contra-mestre (direita) a encabeçar as filas. Entre estes dois, está o alferes, carregando a bandeira. Os palhaços, que têm liberdade de movimento, — e também nisto se distinguem dos demais foliões, — saracoteiam dos lados ou à retaguarda da folia, mas nunca à frente da bandeira.

A exceção do alferes e do fiscal, e ocasionalmente do mestre, todos os foliões são músicos — e é nessa qualidade que participam da jornada.

#### Músicos

Todo folião toca um instrumento qualquer e ajuda no canto.

Os instrumentos mais comuns da folia são a viola e o cavaquinho, a sanfona, a caixa de guerra, o triângulo (triango), o pandeiro e o bumbo. A sanfona, essencial na folia, muitas vezes encontra substituto na harmônica. Além destes instrumentos, podemos encontrar, em várias folias, o chocalho, o violão e o tarol, sendo mais raros o banjo, a cabaça, o reco-reco e a caixa-ré. Acreditamos que a folia, aproximando-se do Distrito Federal, esteja aceitando o instrumental que encontra em uso em pequenos conjuntos musicais, em outros folguedos populares e na orquestra das macumbas cariocas. A caixa-ré, por exemplo, — curioso instrumento feito com mola ou resistência de máquina elétrica, um fio de arame enrolado em espiral preso a uma espécie de caixa constituída por várias lâminas de metal, sobre o qual se passa uma vareta, o que produz um som roufenho, arranhado, choroso, — só ultimamente se nota nas escolas de samba. O tarol e o chocalho das folias são do mesmo tipo dos usados nestes cortejos populares.

Em marcha, os instrumentos de corda, violas e cavaquinhos, vêm sempre à frente, às vezes acompanhados da sanfona, enquanto os instrumentos de percussão, caixa de guerra, pandeiro, triângulo e bumbo, são os últimos. O bumbo geralmente fecha a marcha. Os instrumentos mais novos na folia dispõem-se entre esses extremos. Esta regra admite, porém, um sem número de variações.

Daremos dois exemplos da disposição dos figurantes, os palhaços exclusive, em folias pequenas.

#### Flôr do Oriente (Caxias)

##### Alferes

Viola (mestre)	Triângulo (criança)
Chocalho (criança)	Sanfona
Violão	Cavaquinho
Banjo	Caixa de guerra
Tarol	Viola (contra-mestre)
Pandeiro	Triângulo

##### Bumbo

Miguel Vicente, mestre desta folia, explicou-nos a posição das crianças como sendo a requinta, a voz aguda complementar das vozes dos quatro primeiros figurantes, que são na realidade os cantores do grupo.

Estrêla d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu):

##### Alferes

Viola	Viola
Violão	Cavaquinho
Pandeiro	Triângulo
Chocalho	Chocalho
Caixa de guerra	Bumbo

##### Sanfona

A maior das folias estudadas, a de Julinho (Morro do Salgueiro), com 35 figurantes, desfila como um préstito, tendo à frente

##### Alferes

Pastor (criança) com um cordeiro
Os Reis Magos (crianças)
Mestre
Palhaços (3)

e, em seguida, os músicos:

Viola	Viola
Viola	Viola
Cavaquinho	Cavaquinho
Violão	Banjo
Pandeiro	Pandeiro
Pandeiro	Pandeiro
Chocalho	Chocalho
Chocalho	Chocalho
Cabaça	Cabaça
Harmônica	Cabaça
Triângulo	Caixa
Caixa	Caixa

##### Bumbo

O fiscal não tem lugar certo onde ficar.

A sanfona — ou, quando calha, a harmônica — parece ocupar o primeiro lugar na hierarquia dos instrumentos, pois os demais a acompanham nos tocatas. O mestre convoca em primeiro lugar a sanfona, quando a folia deve entoar os seus cânticos, — muitas vezes o mestre se coloca ao lado dela, — e os palhaços, quando se dirigem à orquestra, fazem-no ao sanfoneiro, o tocador de sanfona. O triângulo e o bumbo identificam a música de folia, o bumbo mais do que o triângulo, — sendo inconcebível uma folia que os não tenha entre os seus instrumentos. O bumbo dá o ritmo peculiar da música de folia, caindo como uma exclamação vigorosa ao fim de cada frase musical. Assim como o tocador de sanfona se chama sanfoneiro, o de triângulo se chama triangueiro, o de caixa e o de pandeiro pandeirista. Os instrumentos de corda podem ser chamados, em conjunto, violaria.

Todos estes instrumentos pertencem ao mestre, que os comprou, e são utilizados somente durante a jornada. Só em casos extremamente raros um ou outro folião leva consigo o seu instrumento particular. Quando a folia se recolhe, depois de alguma saída da jornada, os instrumentos são depositados na casa do mestre. E, ao terminar o período de peregrinação,

lá ficam, embrulhados, à espera do Natal seguinte. Manuel Jorge (Morro da Babilônia) tem mesmo um cômodo especial para a guarda dos seus instrumentos.

Nem sempre o mestre faz parte da orquestra, — podemos apontar em casos de Manuel Jorge, Julinho, Baioca e João Pacheco, — mas sempre sabe tocar algum dos instrumentos da folia. Miguel Vicente (Caxias) toca viola, mas também pode tocar banjo, sanfona e cavaquinho; Manuel Jorge declarou-nos que sabe tocar todos os instrumentos da folia e que substituirá este ou aquele músico, em caso de necessidade; Baioca (Ilha do Governador), antes de organizar a sua própria folia, tocava triângulo, caixa e bumbo em outras; Alvaro de Andrade (Caxias) toca viola. Toque ou não algum instrumento na folia, ao mestre cabe, de qualquer modo, o comando da orquestra, para o que às vezes se vale do apito que traz num cordão ao pescoço. Esta prerrogativa pode ser delegada, em caráter ocasional ou permanente, ao contra-mestre, como na Flôr do Oriente (Caxias).

Os músicos são também cantores. A maioria apenas acompanha, num resmungo fanhoso, os versos que o mestre canta ou improvisa, com o contra-mestre e um ou outro folião mais chegado. Outros apenas pronunciam a exclamação *ai!*, arrastada, dorida, langorosa, com que se inicia e termina cada verso dos cânticos e que serve como uma tomada de fôlego, uma expiração profunda, depois da emissão de voz no canto. Penetrante, esgançado, ora em falsete, ora em prolongados agudos, o côro dos cantores se completa com o timbre extraordinário, feminil, da voz de sopranino de algum folião que eleva um fio de som algumas escalas acima dos demais, como na Estrela d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu). O esforço exigido das cordas vocais dos foliões obriga-os a fechar os olhos, suspender a cabeça, fazer esgares e abrir desmesuradamente a boca, às vezes inclinando o busto para trás. O canto desaparece, aliás, abafado pela música.

Já indicamos que da música e do canto estão excluídos os palhaços.

### Palhaços

Há unanimidade na opinião de que os palhaços representam os soldados de Herodes, persiguidores do Menino, mas esta unanimidade admite muitas variantes. Alguns mestres dizem que os palhaços são Herodes, outros levantam a alternativa Herodes ou Satanaz. Baioca não esquece de acrescentar ao nome de Herodes o título de "traidor de Cristo". João Pacheco declarou-nos que os palhaços simbolizam Judéa, "uma espécie de Satanaz". Para os espectadores da folia, e para o povo em geral, os palhaços "têm parte com o diabo". Sabem-no, e proclamam-no, aliás, os palhaços. Bredeguedes, da Oriente Santa Maria (Caxias), ao findar a jornada, despediu-se da sua extraordinária vestimenta com as seguintes palavras:

Despeço da minha farda  
de todo o meu coração,  
porque ela a mim não pertence  
e é da parte do Cão...

A circunstância de haverem perseguido o Menino explica, naturalmente, a qualidade diabólica que os foliões atribuem aos soldados de Herodes.

O palhaço veste-se como lhe parece melhor, mas deve estar descalço e trazer máscara no rosto. A roupa e a máscara são de sua concepção — e habitualmente a máscara, pelo menos, é confeccionada pessoalmente pelo palhaço, com lata, peles de animais ou pano. Dentes, bigodes, narizes, orelhas, chifres, assumem formas e proporções as mais estapafúrdias, de maneira a garantir ao palhaço, de antemão, a hilaridade do público. O corpo

do palhaço está envolvido numa lagartixa ou numa espécie de pijama de pano colorido, geralmente chitão, tendo às vezes uma gola estelar, de que pendem guisos, os braços e as pernas completamente cobertos, mas com folga suficiente para permitir a mais ampla liberdade de movimento. Fitas, guisos, dentes de jacaré ou de onça, remendos, espelhos, — tudo o que possa parecer ao palhaço que torne mais original o seu aspecto, — enfeitam a máscara e a roupa. Para completar a indumentária, trazem os palhaços um porrete em que se apoiam, com que arremetem contra as crianças e por cima do qual pulam durante as suas exhibições.

O normal é que haja três palhaços em cada folia, escalonados em primeiro, segundo o terceiro palhaços, mas algumas folias têm somente dois. A folia não pode sair sem os seus palhaços. Algumas folias — a de Julinho (Morro do Salgueiro) e a de João Pacheco (Caxias), por exemplo, — têm sempre um ou dois palhaços de reserva, a fim de preencher os claros, em caso de necessidade. O palhaço usa nomes de guerra, mas nada impede que revele a sua verdadeira identidade, e até mesmo suspende ou tira a máscara nos momentos de descanso, para se aliviar do calor e do suor. A Estrela do Oriente (Morro da Babilônia) sai com os palhaços Arranca-Toco, Ventania e Sete Encruzilada; A Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro), com Bentevi, Pinta Preta e Jiló, tendo Rombudo como reserva; a Estrela da Guia (Ilha do Governador), com Pinga-Fogo e Vagalume; a Oriente Santa Maria (Caxias), com A Jato, Bredeguedes e Jiló; a Estrela do Nascente (Morro da Formiga), com Catapora; a Estrela do Oriente (Caxias) saiu com Pimenta e Sabonete...

O palhaço constitui a grande atração popular da folia — e é incalculável o número de crianças que se aglomeram à sua volta, quando a **bandeira** re detém à porta de alguma casa amiga ou, encontrando outra folia na estrada, pára a fim de trocar as saudações de praxe. A meninada de Caxias, por exemplo, se organiza, na época própria, em pequenas folias, com um único folião, o *alferes*, e uma porção de palhaços. Esta é a massa de onde se recrutam os palhaços. Arranca-Toco, da Estrela do Oriente (Morro da Babilônia), e Pinta Preta, da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro), foram convocados na hora a fim de substituir palhaços que deixaram de comparecer para a jornada. O pretendente a palhaço deve fazer um aprendizado de sete anos, um estágio de prova durante o qual recebe instruções sobre como comportar-se na folia e como fazer para libertar-se da parte que tem com o diabo. Vendo-os a saracotear pelas estradas ou a dançar, com saltos, cabriolas e meneios incríveis, diante das casas em que pára a folia, a mexer com os circunstantes, a arrelhar as crianças, completamente à vontade na sua função de divertir o público ninguém poderá imaginar o sem-número de restrições que cercam os palhaços e limitam a sua atividade. Daí a necessidade do aprendizado, que, aliás, não parece estar sendo continuado na zona estudada.

Em marcha, os palhaços não podem ficar nem passar à frente da **bandeira**, mas permanecem ao lado ou atrás dela. Em algumas folias, não podem ultrapassar o mestre. Quando a folia entoa os seus cânticos, os palhaços não podem cantar — e somente nos intervalos entre um e outro verso podem soltar exclamações ou monossílabos, em tom jocoso, no ritmo da música, especialmente coincidindo com as batidas regulares do bumbo. Não podem tocar, sequer, na **bandeira**. Se a noite surpreende a folia em marcha, os palhaços têm de postar-se perto da **bandeira**, para se proteger das influências diabólicas. Se a folia visita uma casa amiga, os palhaços ficam de fora. Podem entrar, porém, sob certas condições. Se há um oratório na casa, têm de pedir licença, e obtê-la, antes de entrar; se há um presépio, têm de tirar a máscara. Em qualquer caso, porém, só podem entrar depois que a folia tiver cantado em lovor dos Reis e agradecido a hospitalidade.

O mais comum — já que a visita se prolonga por cerca de uma hora em cada casa — é que os palhaços permaneçam na rua, divertindo a criançada. Quando chega a vez do palhaço dançar, não pode fazê-lo em ambiente fechado, mas ao ar livre, e o dinheiro que os espectadores atiram ao chão, para que ele o recolha, lhe pertence exclusivamente: nenhum folião ousaria, sequer, tocar nas moedas, nem mesmo para entregá-las ao seu dono. Durante a festa do remate, — o encerramento solene da folia em cada ano, — os palhaços despojam-se da farda antes dos demais figurantes e participam do repasto comum em mesa aparte da dos foliões.

E, além de tôdas estas restrições, os palhaços estão sujeitos, como todos os outros componentes da folia, à estrita disciplina que estudaremos oportunamente.

Eis que chega, afinal, a vez dos palhaços, dos cânticos da folia, — seja durante um encontro de bandeiras, seja depois de uma visita a casas particulares. Os foliões dispõem-se em arco, à vontade, como uma orquestra qualquer, tendo ao centro o sanfoneiro, enquanto os pábulos e gaiatos palhaços assumem a direção do espetáculo. Observa-se, escrupulosamente, a hierarquia: o primeiro palhaço exhibe-se antes dos demais, passando a vez ao segundo e este, por fim, ao terceiro. Inicia-se a **chula**, ritmada, a pequenos intervalos, pelo bumbo. Ao pisar o círculo formado pelos espectadores, o palhaço faz parar a música e maneja o seu porrete espalhando as gentes, enquanto, em quadras ou sextilhas, identifica-se pelo seu nome de guerra e dá largas à sua gabolice, contando as mais extraordinárias proezas num jeitão popular que lhe assegura a atenção e as gargalhadas do público. Quando decide interromper a declamação, — os palhaços recitam depressa, ofegantes, avançando e recuando, — volta-se para a orquestra e solta uma exclamação qualquer ou pergunta, como à espera de confirmação:

— Não foi, sanfoneiro?

A orquestra volta a tocar — e o palhaço dança. Não há regras estabelecidas para a dança dos palhaços, que, neste particular, como no caso da máscara e da vestimenta, podem explorar à vontade a sua fantasia e as suas possibilidades físicas. Há, entretanto, alguns passos, trucs e facécias que são comuns a todos os palhaços, em toda a região estudada. O palhaço dança de cócoras, na ponta dos pés, movimentando-se para a frente ou para trás; descansando sobre as mãos e os pés, eleva o corpo, de frente ou de costas para o chão, e avança, recua ou, fazendo pião com uma ou com ambas as mãos, descreve um arco ou um semi-círculo com os pés; com a barriga empinada para a frente, apoiado nos artelhos, junta e afasta sucessivamente as pernas em ângulo, tremendo todo o corpo; atira-se para o alto, a fim de cair escarranchado no chão; assume postura indiana, as pernas cruzadas no chão, e balançando a cabeça para a frente, para os lados e para trás, desloca-se apoiado nas nádegas; dá cambalhotas e saltos mortais... O porrete, que geralmente atira ao chão para dançar mais à vontade, serve ao palhaço em outras diabruras, muito apreciadas do público, — segurando-o com as mãos por entre as pernas, à altura dos joelhos, pela parte de trás, e dançando, a cabeça mole, para a frente, na ponta dos pés; sustentando-o perpendicularmente ao chão e pulando por cima dele; ou, em arriscado lance, fazendo dele uma barreira ou um trapézio, com os braços retesados para diante ou para trás, saltando-lhe por cima, de frente e de costas, repetidas vezes...

O palhaço não canta nem recita ao mesmo tempo que dança, mas um dos palhaços da Estrela d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu) costuma acompanhar a música com estas exclamações:

Ô mulé!

Ô diabo!

Durante a exibição dos palhaços os espectadores atiram moedas ao chão, em sua homenagem. O palhaço cata-as com sofredidão, saltando, afastando os circunstantes com o porrete, ao mesmo tempo que incita o público a atirar mais dinheiro:

Chove, São Pedro,  
que amanhã eu venho mais cedo!

Não há limite de tempo para a exibição dos palhaços, abreviada apenas por ordem do mestre, em vista do cansaço geral ou da distância ainda a percorrer nesse dia.

### Disciplina

Todos os foliões, os palhaços inclusive, estão sujeitos a uma estrita disciplina, para que, aliás, os predispõem tanto a circunstância, já apontada, de serem parentes e amigos chegados entre si, e em relação ao mestre, como o fato de serem, como já o disse Carlos Antônio, "pacatos, morigerados no comer e no beber, respeitadores, homens de boa paz".

A obediência é geral ao mestre ou aos seus delegados, o contra-mestre, o caso mais comum, o alferes ou, quando existe, o fiscal. Não costuma haver briga entre os foliões, pois os mestres têm o cuidado de escolher os seus companheiros de **jornada** entre os mais bem-educados e compreensivos. E, quanto aos palhaços, as artes do ofício não somente lhes ensinam a aceitar as coisas por menos, como criam à sua volta um ambiente de tolerância e de cordialidade em que a zanga se torna uma possibilidade remota. Modestos e humildes, os foliões parecem acanhados e inibidos diante de estranhos, exceto quando a folia está em função, e em geral se mantêm discretamente à distância dos circunstantes.

A restrição mais rigorosa refere-se à bebida. Muitos mestres não admitem que os seus foliões tomem uma gota, sequer, de alcool, durante toda a **jornada**, mas outros o permitem, de quando em vez, embora sob o seu rigoroso contróle ou da pessoa incumbida da disciplina. Nenhum folião pode afastar-se muito da **bandeira**, nem desaparecer da vista dos seus companheiros, nem entrar sem licença do mestre em botequins ou armazens.

Como as visitas a casas amigas, a hora de comer, o sinal de partida, o regresso à casa, etc., são de deliberação exclusiva do mestre, compreende-se que sejam raras as ocasiões de divergência violenta. Se, entretanto, se desavierem os foliões, o mestre usa da sua autoridade para acalmá-los, fazendo-se acompanhar da **bandeira** nos casos mais graves, e a paz embora com resmungos e olhares de esguelha — volta a reinar na companhia. O voto feito pelos foliões e a intenção de penitência com que se faz a **jornada** são argumentos poderosos para esfriar os ânimos.

A Estrela do Oriente (Caxias) desintegrou-se depois de completar a **jornada** de 1952-53, mas, embora houvesse descontentamento e ressentimentos profundos em relação ao mestre José Morais, os foliões se comportaram bem até o último momento, tendo mesmo comparecido, uniformizados, para a festa do **remate**, — que não se realizou, — prontos para louvar os Reis.

A simpatia geral que cerca a folia neutraliza a possibilidade de barulho ou de pancadaria com estranhos, como a autoridade do mestre e as exigências da disciplina contém os excessos dentro do grupo. A folia movimentada-se em paz, levando às gentes a sua mensagem cordial.

## Sete anos

Sete anos deve qualquer dos componentes da folia empreender a jornada dos Reis, quer continuamente, quer com interrupções, na mesma folia ou em outra qualquer. Entende-se, naturalmente, que cada ano compreende uma jornada completa.

Quando um mestre decide sair em peregrinação, sabe que terá de cumprir o septênio para que se considere quites com a promessa que habitualmente o impele a organizar a sua folia. Os foliões também fizeram promessa — e não podem fugir aos sete anos de jornada. Acredita-se, em geral, que a penitência — muitas vezes os foliões referem-se a si mesmos como penitentes — atrai as bênçãos do céu para os elementos da companhia, resguardando-os de moléstias, de infelicidades e de tentações diabólicas. Os palhaços, mais do que ninguém, estão na obrigação de tirar os sete anos. Têm parte com o diabo — são os soldados de Herodes — e sómente através da árdua penitência da máscara poderão livrar-se dos seus influxos maléficos.

Depois de cumpridos os sete anos, estão os foliões desobrigados com a folia. Poderão continuar a sair, à vontade, neste ou naquele ano, contanto que completem a jornada de cada vez, a menos que façam nova promessa.

Manuel Jorge (Morro da Babilônia) declarou-nos que, ao fim de cada sete anos, fecha a sua folia, para reabri-la no ano seguinte.

## IV — A JORNADA DOS REIS

## Jornada

A folia pretende reproduzir — “em ponto pequeno”, como salientou Solano Trindade, — a viagem dos Magos a Belém, ao encontro do Filho do Homem.

Os foliões partem à meia-noite, no Natal, — quando os Magos teriam recebido o misterioso aviso, — e encerrariam a sua jornada no dia dos Reis, como o faziam no interior, se, em homenagem à capital do país, que os acolhe, não a tivessem estendido até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião.

Há, assim, duas fases da jornada. A primeira, a dos Reis, que vai até o dia 6 de janeiro, assinala-se pela presença dos Magos na bandeira, o estandarte da folia. A segunda, do dia 7 em diante, exige o acréscimo de uma estampa de São Sebastião ao lado da dos Magos. Os cânticos da folia são às vezes diversos em cada fase, como veremos, aproveitando os mestres, na primeira, os motivos bíblicos da Adoração, da Visita dos Reis, da Fuga para o Egito, etc., e, na segunda, de acôrdo com a tradição católica popular, tocada pelas concepções correntes nas macumbas cariocas, os padecimentos de São Sebastião.

A folia apregoa o nascimento de Cristo e, teóricamente, dirige-se a Belém, para adorar o Menino, mas os soldados de Herodes — os palhaços — tentam desviá-la do caminho apontado pela Estrela do Oriente. Os foliões vêem tal semelhança entre a companhia e a caravana dos Magos que, de acôrdo com um cântico da Voz do Disco Guanabara (Caxias), os Três Reis, quando se encontram na estrada de Belém,

salvaro a caixa e seus pandêro,  
o instrumento que trazia,  
salvô o mestre e o contra-mestre  
e tôda a bateria,  
salvô os seus palhaço  
por fora da profecia...

— profecia no sentido que tem a palavra para os foliões, isto é, cântico inspirado na Bíblia, que naturalmente não se pode aplicar aos palhaços. Embora se admita em geral esta semelhança entre o séquito dos Magos e a folia, o palhaço Pinta Preta, da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro), ao saudar os seus companheiros de jornada, fêz uma exclusão terminante:

Só não salvo os instrumentos,  
porque os Três Reis não trazia

Parece que, no interior, a folia passava todo o tempo da jornada pelas estradas, cantando e folgando em casas amigas, em constante peregrinação. Na região estudada, porém, as folias saem apenas aos sábados, domingos e feriados, comparecendo os foliões, normalmente, ao trabalho, nos demais dias do período.

## Propiciação da jornada

Reunidos os foliões em casa do mestre, na véspera do Natal, êste lhes faz as últimas recomendações de bom comportamento e, com todos os companheiros, reza fervorosamente pelo bom êxito da jornada que se inicia.

Os foliões cantam ladainhas e fazem as suas orações diante do oratório ou do presépio do mestre e, no dia seguinte, pela manhã, levam a bandeira a benzer a uma igreja — se o vigário o permite — ou a um cruzeiro de estrada. A Estrêla da Guia (Ilha do Governador), que mantém o eCnro Espírita Divino Espírito Santo, realiza esta cerimônia em pleno gongá, enquanto a Voz do Disco Guanabara (Caxias), quando comparece à igreja para a bênção do estandarte, já o fêz antes em macumba a que está ligada a folia. Tanto a dificuldade de obter a banção da bandeira nos templos católicos como as exigências — que os mestres consideram descabidas — para a sua concessão fazem com que, em geral, as folias prescindam da Igreja e saiam à rua depois de rezada, apenas, a ladainha na casa do mestre.

Tôda vez que a folia se recolhe, os foliões fazem ao menos o Pelo Sinal e batem a mão no peito, em sinal de agradecimento, ante o oratório ou o presépio do mestre.

## Visitas

A folia presta homenagem aos domingos, levando a sua bandeira e os seus foliões a visitá-los em casa.

Feitos os entendimentos necessários, a folia penetra na habitação, tendo à frente a bandeira, mas deixando de fora os palhaços. O alferes posta-se a um canto da sala, com a bandeira voltada para os foliões, se a casa não dispõe de oratório. Forma-se a folia. O costume exige que se cante três vezes, pelo menos, em cada casa — a chegada, em que se declara a intenção da jornada, a de anunciar

o Jesus, neto de Ana,  
que de Maria nasceu,

uma profecia, geralmente a Adoração,

Entremos, cantores, entremos  
por êste salão dorado  
Eu vou entrando, eu vou salvando,  
e para sempre sejas louvado,

os Três Reis do Oriente  
na sombra do seu telhado  
Tamos fazend'Adoração  
que de Deus samos mandado  
Na minha bandê'eu trago  
santo de grande vertude  
Ele vem le visitá  
e vem le trazé a saúde

e o agradecimento. Se há na casa mistério, isto é, um quadro dos Reis, a folia deve cantar também para os Magos. Sómente no caso de o visitado ser pessoa de muita consideração dos foliões observa-se a ordem acima. O cântico de chegada está sendo suprimido, em visitas ocasionais. E, quanto ao agradecimento, só se canta ao fim da visita, depois que o chefe da família colocou na bandeira uma nota em homenagem à folia, — "a bela oferta" que se agradece:

Deus le pagu'a a bel'oferta  
que vós deu de coração  
Os Três Reis que le ajude  
e Deus le ómente as porção

Em hora avançada da noite, os foliões batem à porta dos amigos com outro cântico, trazido, com certeza, do interior:

Acordai se stá dormindo  
dêste sono celestial  
Este sono tão profundo  
no nosso corpo são mortal  
O cantar da meia-noite  
é um cantar inceleante  
Acordai se stá dormindo  
e consolai quem está doente

Os exemplos são da Flor do Oriente (Caxias).

Os palhaços esperam pacientemente a folia na rua, descansando à sombra de alguma árvore, a máscara suspensa, ou fazendo graças para o grupo de pessoas que se reúne, curioso, à porta da casa. Quando os foliões saem, a sanfona, as caixas e o bumbo chamam os palhaços — e êstes saltam, dançam, recitam as suas chulas, sob a galhofa das crianças e o sorriso divertido e complacente da família visitada.

A despedida se faz depois da brincadeira dos palhaços. A Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro) despede-se cantando:

Minha bandêra se adespede,  
vai no giro de Belém  
Adeus, senhores e senhora,  
até pro ano que vem

Difícilmente a folia visita a mesma casa duas vezes na mesma jornada, pois uma visita destas nunca leva menos de uma hora e, dependendo do agrado, pode prolongar-se por toda a manhã ou toda a tarde.

O mesmo cerimonial se usa em homenagem a estabelecimentos comerciais da amizade dos foliões.

#### Encontro de folias

Muito comum, na zona transitada pelas folias, é o encontro de duas ou mais bandeiras.

O encontro, até há poucos anos, degenerava em violência, pois as folias disputavam, num verdadeiro desafio entre músicos e palhaços, e a que se considerava vitoriosa arrogava-se o direito de destruir ou de tomar para si os instrumentos da outra. Estes casos extremos — de que já não há notícia atualmente — sucediam porque, em vez das folias organizadas, responsáveis, que conhecemos agora, eram grupos ocasionais de foliões que se arvoravam a folias, saindo à aventura pelas estradas, sem chefes e sem disciplina. A intervenção policial desestimulou êsse costume, enquanto o aparecimento das folias atuais e a sua multiplicação por todos os pontos da zona estudada deram o golpe de graça a esta turbulante rivalidade. Manuel Jorge, mestre da Estrêla do Oriente (Morro da Babilônia), deu-nos outra razão de conagração das folias: "Se os Três Reis não brigaro...?"

Em geral, no encontro amistoso, as bandeiras saúdam-se mutuamente (salvam-se) e, em seguida, os palhaços de ambas as folias divertem a assistência, revezando-se. Os mestres combinam entre si o que vão cantar e por quanto tempo poderão deter-se na caminhada. A saudação faz-se com as bandeiras frente à frente ou, ficando as bandeiras no lugar em que estiverem, cada mestre se aproxima da bandeira da outra folia, ajoelha-se e reza. Em seguida, cantam-se versos que os foliões têm já preparados para a ocasião, de que podem servir de exemplo os seguintes:

#### Oriente Santa Maria (Caxias):

Lá do céu desceu um anjo  
enviado por Nossa Senhora  
Entremeio duas bandêra  
que se encontraro agora

Meu mestre de folia,  
le digo neste momento:  
pra saudá o belo encontro  
cantamos o Nascimento

#### Voz do Disco Guanabara (Caxias):

Encontramos, encontramos,  
sempre houvera de encontrá,  
com Deus e Nossa Senhora,  
todos santo do lugá

Êstes últimos versos não são os únicos com que a Voz do Disco Guanabara saúda outras folias que encontre em marcha. O mestre declara, em outro cântico, que se ajoelha em Belém, para homenagear a bandeira amiga, e acrescenta, num rasgo de inspiração:

Do mestre peço desculpa,  
que eu não soube salvá  
Os Três Reis agradeceu,  
que salvô no meu lugá

## b) Profecia

A partida dos Magos para a sua terra  
Perseguição de Herodes  
Compaixão do Criador

## Estrêla do Nascente (Morro da Formiga)

- a) Nascimento  
Anunciação
- b) São Sebastião

## Estrêla da Guia (Ilha do Governador)

Epifania do Senhor  
Canto do Nascimento  
Nascimento de Cristo

## Estrêla d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu)

- a) Nascimento de Jesus  
Adoração dos pastores  
Fugida do Menino para o Egito  
Anunciação
- b) Romance de São Sebastião

## Voz do Disco Guanabara (Caxias)

- a) Nascimento do Menino  
Viagem dos Reis  
Vida e padecimento de Nosso Senhor  
Vida de Adão
- b) Profecia de São Sebastião

## Três Reis do Oriente (Miguel Couto, Nova Iguaçu)

Anunciação  
Adoração  
Nascimento  
A visita dos pastores  
Visita dos Três Reis

## Três Reis do Oriente (Morro do Jacarézinho)

- a) Anunciação  
Nascimento e padecimento de Nosso Senhor
- b) Romance do martírio de São Sebastião

## Nova Aurora (Parada de Lucas)

- a) Nascimento  
Padecimento  
Partida dos Três Reis
- b) Canto de São Sebastião

## Oriente Santa Maria (Caxias)

- a) Anunciação  
Nascimento  
Padecimento  
Fuga para o Egito
- b) São Sebastião

Algumas desta folias, como vemos, nem mesmo dispõem de cânticos especiais para São Sebastião, cumprindo toda a jornada somente com os cânticos de motivo bíblico.

## O mistério da Concepção

A concepção de Maria vem contada, com sabor peculiar, nas profecias. Em alguns casos, como neste exemplo da Estrela d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu), todo o episódio, desde a Anunciação, se narra sumariamente:

Em vinte e cinco de março  
veio um Anjo anunciando  
Vem na Virge o vosso ventre  
e do Senhor Verbo encarnado

Vinte e cinco de dezembro  
nove mês completava  
e nasceu o Menino-Deus  
que Nossa Senhora esperava

Outras vezes, porém, os foliões entram em mais detalhes, descrevendo, à sua maneira simples, as misteriosas circunstâncias da concepção. Assim, de acordo com uma profecia da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro), o Anjo surgiu e comunicou a Maria

A Providência Divina  
hoje graça em ti achô

antes da notícia de que daria nascimento ao Messias. Preocupada ficou a Virgem ante o inefável aviso,

Ai, como isto pode sê,  
se não conheço varão?

mas o Anjo insistiu, acalmando-a:

A voz de Deus tem a graça  
Não le vá culpá de nada

Maria continuava confusa, perturbada,

Ai, como isto pode sê?  
Eu sou uma simples donzela,  
sem um varão conhecê

mas afinal decidiu acatar os designios celestes.

A profecia conclui:

E abaxó o Esprito Santo  
com o seu podê profundo  
E logo concebeu Maria  
pela salvação do mundo

Sem mácula, sem compreender muito bem a preferência do Senhor, —  
assim concebeu Maria.

#### O nascimento de Cristo

Também o nascimento de Cristo vem narrado nas profecias, com a unção bíblica peculiar a êstes cânticos das folias. Há, naturalmente, certos detalhes que, embora não estejam na Bíblia, fazem parte do episódio, tal como o concebe o catolicismo popular.

Por exemplo, os animais do estábulo. Para os foliões, o boi, que aqueceu o Menino com o seu bafo, vale mais do que a mula, que, comendo na mangedoura, lhe descobria o corpo. A Estrêla d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu), fazendo-se éco da concepção geral, assim descreve o seu comportamento:

Deus nasceu na mangedoura  
adonde o boi bento comia  
O boi bento abafejava;  
vem a mula, removia

O boi bento aquecia,  
vem a mula descobria  
A mula foi maldiçoada,  
que nunca houvera de dá cria

A Deus e Nossa Senhora  
foi a mula maldiçoada  
Tu é-de sê alv'e sêca,  
que fruta não é-de dá

Encontramos esta mesma concepção, entre outras, na Estrêla do Oriente (Morro da Babilônia):

Para dá izempro o mundo  
foi nascê na mangedoura  
onde o boi bento abafejava  
Vinha a mula, arremoa  
Mula, tu serei mavada,  
não é-de dá fôia nem gaio

Desde a Anunciação, explica-se num cântico da Voz do Disco Guanabara (Caxias),

houve um sinal na lua,  
de mingunte pra crescente,

e, por ocasião do nascimento, diz-se em outro, da Estrêla d'Alva,  
a terra deu uma abalo,  
os astro tod'estremeceu

Segundo João Pacheco, Cristo teria vindo ao mundo "na era de 1004", mas Baioca afirma que o acontecimento teve lugar "na era de 33" e Ernesto Campos o data de 233.

#### Os Reis Magos

A história dos Magos, nos cânticos de folia, diverge dos Evangelhos ou lhe acrescenta detalhes de legítimo sabor popular.  
Está escrito em São Mateus, 2:1-12:

Tendo Jesus nascido em Belém da Judéa no tempo do rei Herodes, vieram do Oriente uns magos a Jerusalém, perguntando: Onde está aquele que nasceu Rei dos Judeus? porque vimos a sua estrêla no Oriente, e viemos adorá-lo. O rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e com êle tôda Jerusalém; e reunindo todos os principais sacerdotes e os escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo. Eles lhe disseram: Em Belém da Judéa; pois assim está escrito pelo profeta...

... Então Herodes chamou secretamente os magos, e dêles indagou com precisão o tempo em que a estrêla tinha aparecido; e enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente acêrca do menino; e quando o tiverdes achado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo. Os magos, depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrêla, que viram no Oriente, ia adiante dêles, até que foi parar sôbre o lugar onde estava o menino. Ao avistarem a estrêla ficaram extremamente jubilosos. Entretanto na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, adoraram-no; e abrindo os seus cofres, fizeram-lhe ofertas de ouro, incenso e mirra. Sendo em sonhos avisados por Deus que não voltassem a Herodes, seguiram por outro caminho para a sua terra.

Praticamente não diferem, neste trechos, as versões católica e protestante do Evangelho de São Mateus.

Manuel Jorge (Morro da Babilônia) faz tábua rasa do encontro de Herodes com os Magos e do seu interêsse e mlocalizar o Menino, afirmando que, ao contrário, procurou desviá-los do caminho de Belém:

Os Três Reis quando subero  
que Jesus era nascido  
batêro pr'a estrebaria,  
arrearo três cavalo  
e tocaro a viajá  
percurá Menino-Deus,  
percurando até achá  
Encontraro o marvado do Heroi  
O Heroi, por sê malino,  
malino e traidó,

ensinou os Três Reis,  
às avessas o caminho  
Os três Reis, por sê um santo,  
nada disso s'importô  
Seguiro o seu caminho  
duma estrêla da guia quem guiô.

Em continuação, êste mesmo cântico descreve a "casa" em que, segundo São Mateus, nascera o Menino, como uma acanhada cabana:

Os Três Reis botaro sentido  
aonde a estrela pousô  
Ela pousô numa cabana  
A cabana era pequena,  
num cabia os Três Reis  
Entrando de um a um,  
cada um por sua vez,  
visitô Menino-Deus,  
na sua cama deitado,  
bafejado de animá  
Os Três Reis levô presente  
para o Menino Jesus  
Levô ouro, mirra e incenso

Baioca (Ilha do Governador) repete esta imagem da cabana, ajuntando-lhe uma sugestão de Maria:

Nós cheguelo, os Três Reis,  
pra na cabana entrá  
A cabana era pequena,  
não cabia todos três  
Nossa Senhora pediu:  
Entra um por cada vez

O mestre continua com a narrativa, a fim de mostrar a superioridade do Menino — que já falava por ocasião da visita dos Magos — em relação aos preconceitos de côr:

O reis Belchó, o derradêro,  
arreceava de chegá  
Julgava, por êle sê preto,  
O Menino não ia aceitá  
Deus-Menino, tão amoroso,  
deu-le as mão pr'êle beijá  
Ajoelhô nos pés da Virge  
O reis Belchó le preguntô:  
— Quem foi que ficô c'roado?  
— Foi quem primêro chegô  
Eu contemplo a todos três,  
todos com o mesmo amô  
Eu aqui não tô tiranô  
a deferença de cô

Ainda de acôrdo com Baioca, os Magos ter-se-iam encontrado em caminho,— uma idéia corrente entre as folias pesquisadas:

Sem sabê um do outro,  
em caminho se encontraro  
— Mas quem sois, nobre sinhô?  
Reis Gaspá, pregunto eu  
— Ai, eu venho do Oriente,  
me chamo reis Baltazá  
— Ai, me chamo reis Belchó  
Do Oriente eu também venho

Ernesto Campos (Mesquita, Nova Iguaçu) segue com mais fidelidade as Escrituras, ao contar o aviso que tiveram os Magos:

Vinhero do Oriente  
Os Três Reis Mago viajaro,  
chegaro em Jerusalém  
Herode foi preguntá

Onde está o Rei dos Reis?  
progluntaro alegremente  
Nós vimo aparecê  
a Estrela do Oriente

Viajaro noite e dia,  
sem um momento pará,  
percurando uma estrêla  
Nós queremos adorá

O Herode, ouvindo isso,  
no momento pertubô  
Com êle todo pessoal  
nessa noite levantô

Reuniu os sacerdote,  
escriba do povo seu,  
preguntô aonde havia  
de nascê Menino-Deus

Êles respondeu a êle:  
— Foi uma noticia certa  
Nasceu em Belém da Judéa,  
escrita pelos Profeta

Herode chamô os Três Reis,  
secretamente indagô  
quantos tempo que fazia  
que essa estrela apresentô

Enviaro pra Belém  
Ide, ide informá  
e depois vem me dizê  
qu'eu também quero adorá

Os Três Reis, ouvindo isso,  
 todos três movimentô  
 A estrela, que vinha vindo,  
 no Oriente apresentô

Vendo o clarão da estrela,  
 tivero muita alegria  
 Chegando numa pequena casa,  
 vê o Jesus-Cristo e Maria

Chegaro, s'ajoelharo,  
 seus cofre logo abriro,  
 ofertaro seus presente,  
 incenso, ouro e mirra

Baioca, fantasioso na caminhada e na adoração dos Magos, acompanha o relato de São Mateus, na sua parte final, em outro dos seus cânticos,

Os Três Reis fôro avisado,  
 por divina revelação,  
 que não contasse a Herode,  
 que havia perseguição  
 Partindo pr'a sua terra,  
 passaro por outro caminho.

mas João Pacheco (Caxias) prolonga a estada dos Magos em Belém, declarando que, ao empreender a fuga para o Egito, a Sagrada Família os encontrou de novo na estrada:

Os Três Reis falô pr'a Virge:  
 Atrás vem o Herode

Os mestres tomam amplas liberdades com a estória bíblica dos Magos, contando à sua maneira os incidentes da peregrinação desses reis que, para os eruditos, "não eram três nem eram reis", como o lembrou recentemente a revista carioca **Manchete**.

#### Os padecimentos de São Sebastião

Embora muitos mestres nos tivessem comunicado o título dos seus cânticos em louvor de São Sebastião, não tivemos a sorte de recolhê-los diretamente das folias.

A inclusão do santo nas profecias data de poucos anos, com a aproximação das folias das fronteiras do Distrito Federal, a representa ainda um problema para os mestres. Edison Carneiro observou que "alguns mestres de folia confessam, humildemente, o seu embaraço, por não estar o padroeiro da capital citado no Novo Testamento", que, como vimos, é a sua fonte comum de inspiração. Espontaneamente, a folia canta, apenas os episódios da Natividade. Solicitada, talvez cante para São Sebastião, mas não tivemos oportunidade de registrar um desses cânticos entoados por toda a companhia.

Podemos apresentar apenas um documento, colhido na Voz do Disco Guanabara (Caxias), da boca do mestre João Pacheco, — uma peça inspirada no catolicismo popular, penetrado das concepções correntes nas macumbas cariocas.

São Sebastião, bom santo guerrêro,  
 lutô nas mata numa luta co'os caboco  
 Era um santo milagroso  
 Lutô com a Morte e Paixão  
 A primêra frecha que le jogaro,  
 a frecha caiu no chão  
 A segunda frecha jogaro  
 a image e formosura  
 pegô no peito direito  
 da image criatura  
 A tercêra frecha que jogaro,  
 essa teve arreceio  
 Foi na perna esquerda,  
 um pouco em cima do joêio  
 Depois da guerra acabada,  
 que apareceu três demonho,  
 pegaro a própria image,  
 amarraro e acorrentaro  
 A corrente arrebentô  
 Os cabôco vêi'adorá  
 Com as sua palavra santa,  
 O grande santo a perdoô  
 Tirô todos os pecado  
 Os caboco ajoelhô,  
 botô o joêio em terra  
 e as suas armas entregô

O mestre desta folia tem ligações íntimas com uma macumba carioca, que frequenta, onde se medica e onde a bandeira da Voz do Disco Guanabara é levada a benzer, em cada ano, antes de sair em **jornada**.

São Sebastião, na macumba, corresponde a Oxósse, o Rei da Mata, patrono dos caçadores, alvo de grandes homenagens, a 20 de janeiro, em todos os gongás do Distrito Federal.

#### Outros temas

Os cânticos de folia referem-se, em geral, apenas ao nascimento de Cristo e à visita dos Magos, e às vezes à fuga para o Egito. Entretanto, o ambiente de religiosidade em que vivem as folias, mais acentuado com a sua chegada à orla do Distrito Federal e com a concorrência entre os vários grupos de foliões, — um fenômeno que, se perdeu o caráter violento, assumiu aqui proporções jamais sonhadas, — induz os mestres a buscar outros temas para os seus cânticos, no Velho como no Novo Testamento.

A Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro) canta, sob o título *Compaixão do Criador*, a crucificação de Cristo:

Paí e Filho e Espírito Santo  
A compaixão do Criadô  
Para nos salvá de culpa,  
padeceu por nosso amô

Não há quem possa entendê  
tanto excesso de amô,  
como por nós padeceu  
o bom Jesus salvadô

Sofreu duros tormento,  
grandes martiro na Cruz  
Morreu para nos salvá  
o amado bom Jesus

Na vossa cabeça divina  
coroa d'espinho cravaro  
Entre dôres incrive,  
fontes de sangue manaro

No vosso divino cabelo,  
de sangue todo ensopado,  
sangue que muito remiu  
o fêi' dos nossos pecado

O vosso divino rosto,  
cheio d'escarro nojento  
Por nossos feio pecado,  
Senhor Deus, tanto tormento!

Vossos santíssimos olho  
pingaro lágrimas terna  
para salvá nossa alma  
do fogo e penas eterna

Vossa divina boca  
fel, vinagre amargoso  
Por nosso feio pecado  
castigo eterno, horroroso

Vosso divino pescôço  
forte corda amarraro  
De rua em rua com ela  
como réu vos arrastaro

Vosso divino ombro  
pesada Cruz conduzia  
Por nosso feio pecado  
mais e mais vos oprimia

Vosso divino peito  
foi cruelmente rasgado  
Todos diz quanto é hurreno,  
quanto é medonho o pecado

Vosso bondoso coração,  
aberto por uma lança,  
aonde nós todos entramo,  
cheio de grande esperança

Todo o corpo de Jesus,  
ferido e todo chagado,  
pra cumpri as profecia  
para quem tivé pecado

Vossa divina mão,  
pregada neste madéro  
Delinquente nos ficaste,  
bom Jesus, Deus verdadéro

Vossos pés sacrossanto  
por ferro fôro ferido  
Mas foi rasgado a sentença  
contra milhões de perdido

(Julinho ficou muito embaraçado ao saber o significado exato da palavra *delinquente*, da penúltima quadra deste cântico).

João Pacheco, da Voz do Disco Guanabara (Caxias), explora o Gênesis, a fim de dar êste quadro da existência descuidada do primeiro casal no Jardim do Eden (*Vida de Adão*):

Ante dêsse pecado,  
home nenhum trabalhava  
Êsse tempo não ventava,  
nem o home não suava  
Nessa data passada,  
o mundo era em água

A influência do Livro se mostra mais forte em Baioca (Ilha do Governador), especialmente no cântico *Epifania do Senhor*, que nos excusamos de reproduzir aqui.

#### As chulas dos palhaços

Palrador por natureza, o palhaço declama as suas chulas aos ofêgos, em voz rouca e nem sempre inteligível, em virtude da ginástica e da gritaria que fazem parte do seu papel. Todo palhaço dispõe de um variado repertório, que utiliza no momento oportuno, mas nem sempre êsse repertório é original, pois não sómente o palhaço imita os seus colegas como decora versos, estórias rimadas e trechos de emboladas e desafios, publicados nos inúmeros folhetos da literatura de cordel. Alguns palhaços das folias estudadas nos declararam que os versos que diziam eram parte de *O Reino da*

Bicharada, o mais comum, e de composições populares como **Lampeão**, **Antonio Silvino**, **O Pavão Misterioso**, **Zé Prefinho**, **Juvenal**, **Zézinho** e **Mariquinha**, etc. Poucos improvisam tudo o que recitam. Pinta Preta, da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro), explicou-nos, com simplicidade, que os versos com que diverte o público "são da sua idéia", porque mal sabe ler. O hábito — encontramos palhaços com mais de 20 anos de experiência — deve ter sedimentado nêles maneiras próprias de, com métrica e rima pobres, suscitar a hilaridade geral.

A **chula** conta uma estória impossível, absurda, que provoca o riso e a gargalhada exatamente por este motivo. Há, nela, muita semelhança com as emboladas do Nordeste. O palhaço, dizendo-a, ora se vangloria, ora conta casos de animais, ora comenta acontecimentos políticos do dia, ora recita uma sucessão de quadras ou sextilhas sem conexão entre si. Um palhaço tinha toda uma **chula** em torno do assassinio do delegado Imparato, de Caxias. Mais comum, entretanto, é a estória fantástica, de que pode servir de exemplo a seguinte, do palhaço A Jato, da Oriente Santa Maria (Caxias):

Eu tava deitado na cama,  
naquele sono primêro  
A pulga me deu um coice,  
me tirô do trêvissêro  
Mas eu tinha dois cachorro,  
chamado Ferro, Ferrêro  
Tasquei o cachorro na pulga,  
a bicha saiu pro terrêro  
Tirei o côro da pulga,  
fui vendê pro sapatêro  
Me deu mil e quinhentos conto  
sômente contado em cruzêro,  
inda me deu este terno de côro  
com este chapêu boladêro  
As perna dessa pulga  
mandei fazê uma vai-e-vem,  
pra vendê pr'a Leopoldina,  
pra fazê mola de trem  
A carne dessa pulga  
mandei fazê um salame  
pra dá meus doze folião  
quando eles tivê com fome  
O coração dessa pulga  
mandei fazê um triango  
pra nós batê na folia  
quando nós ganhá um frango  
O rabo dessa pulga  
mandei fazê um abanadô  
pra dá de presente às moça  
quando é tempo de calô  
A orelha dessa pulga  
mandei fazê uma sela  
Minha mulê é testemunha,  
que viu eu montado nela...

Da mesma espécie, mas agora de referência a pessoas, podemos citar esta outra, do palhaço Ventania, da Estrêla do Oriente (Morro da Babilônia):

Agora qu'eu me lembrei  
da véia do Mané Vicente  
Olh'a danada da véia  
tinha um alêjão deferente  
A frente mudada pr'as costa  
e as costa mudada pr'a frente  
Quando eu mexia co'a véia  
ela ficava saliente...

A inflexão da voz, neste e em muitos outros casos, dá a medida da malícia do que se conta.

Os motivos poéticos, tanto para os repetidores como para os improvisadores, indicam a sua predileção pelo feio e mesmo pelo horrível, pelo fantástico, pelo incomum, pelo jocoso, pelo ridículo, pelo extraordinário e pelo absurdo. O palhaço como que sente a necessidade de ser diferente, de se não parecer com o resto dos mortais, de saber estórias que ninguém sabe, de fazer coisas que ninguém faz... Ele é único, insubstituível, inimitável, o maior. Até quando se apresenta ao público fá-lo de maneira pessoal, como Arranca-Tôco, da Estrêla do Oriente (Morro da Babilônia):

É de tarde eu dô boa noite  
É de noite eu dô bom dia

E, se conta vantagens pessoais, pode surpreender os circunstantes como o fez o palhaço Bredeguedes, da Oriente Santa Maria (Caxias), — com uma tirada assim:

Eu quando pego no baralho  
pra fazê o meu macete  
fico bonito e pareço  
Getulho Varga no palaco do Catete

O público não bate palmas aos palhaços, aplaude-os com gargalhadas, exclamações de incitamento e moedas, — um tipo de aprovação a que, como atores populares, se mostram extremamente sensíveis.

#### Observações sôbre a métrica

Dispensamo-nos, ao citar, no correr dêste trabalho, a literatura das folias, de repetir as exclamações e os monossílabos com que em geral os foliões limitam, no começo e no fim, os seus versos. Este costume, porém, constitui um artifício essencial na métrica das folias.

Os versos, como dissemos, medem mais ou menos sete pés. A exclamação **ai!**, característica da folia, tem mais função rítmica do que poética, pois coincide com a batida do bumbo, mas ajuda a prolongar o verso, quando necessário, repetindo-se ou não a sílaba mais uma vez. Embora o início do verso possa ser marcado por outras emissões de voz, é, e, mas, o término será sempre **ai!** Dêste modo, a sua repetição entra no verso seguinte. Assim se transforma em setissílabo um verso de seis pés:

Ai, como isto pode sê?

A redução do verso, na aparência mais difícil, dá-se em virtude de fenômenos correntes na linguagem popular cantada — a contração e a supressão de sílabas. Para utilizar apenas exemplos dos cânticos aqui citados, um decassílabo como

Encontraro o marvado do Heroi

na verdade passa a ter sete sílabas, cantado, pois se reduz a

'ncontrar'o marvad'd'Heroi

como estes dois versos soltos, de oito e de nove sílabas,

... os astro tod'estremeceu...

... chegando numa pequena casa...

cabem perfeitamente na medida, pois se cantam como

... os astro tod'strem'ceu...

... chegan' nu'a pequena casa...

As sílabas são, ora simplificadas, como trêrreis, Três reis, pr'ocupação, preocupação, ora acentuadas de maneira diversa da linguagem falada, escrita, ca-baná, Cristu, a fim de conformar-se com o ritmo. Usa-se e abusa-se do hiato, do ditongo (traí-dô) e das vogais mudas e é frequente que o vocábulo termine, repentinamente, na sua sílaba tônica.

Os palhaços, que não cantam, não têm a ajuda do ai!, mas podem valer-se de todos os outros recursos aqui sumariamente apontados e, mais, da ligeireza e sofreguidão com que pronunciem as palavras.

O público das folias não faz exigências demasiadas aos seus poetas.

## VI — A FESTA DO REMATE

### O dinheiro da folia

Cabe ao mestre financiar a folia, que organizou a fim de dar cumprimento à sua promessa. Já vimos que as roupas, os instrumentos, a bandeira, lhe pertencem. Em marcha, e durante toda a jornada, as despesas comuns correm também por sua conta. O dinheiro angariado, em visitas a casas amigas, durante as caminhadas, constitui outra fonte de renda da folia, mas está de antemão comprometido.

Este dinheiro não é muito. Os palhaços ganham boa quantidade de moedas, que, entretanto, somadas, perfazem uma quantia ridícula. A folia não se vale do dinheiro dos palhaços, — nenhum folião toca, sequer, nas moedas, — mas é claro que isto reduz as suas oportunidades financeiras. A folia recebe na sua caixinha, a bandeira, as notas com que os amigos, velhos e eventuais, a homenageiam. Notas de 5, de 10, de 20, de 50 cruzeiros, raramente de 100 ou de 200. Ao fim da jornada, este dinheiro penosamente ganho, e merecido, não vai além do um ou dois contos, no máximo três. Felizmente, os amigos não contribuem apenas com dinheiro, mas também com hospedagem, comida, transporte, etc., que suavizam de certo modo as despesas da folia.

Do total obtido alguns mestres destinam parte para a compra ou substituição de instrumentos, para a renovação da vestimenta, para a confecção da bandeira, mas todos os foliões esperam que o dinheiro chegue também

para a festa do remate, o encerramento solene da folia, quando poderão forrar-se das penas e dos sacrifícios da jornada.

As espórtulas dos amigos têm mesmo este sentido geral, de contribuição para a festa do remate.

### Remate

A festa tem lugar em data marcada pelo mestre, geralmente um sábado, logo depois do dia 20 de janeiro ou nos meses seguintes, de acordo com a conveniência de todos.

Os foliões comparecem uniformizados e os palhaços vestem-se a caráter. A festa realiza-se na casa do mestre, que a fez ornamentar festivamente para a ocasião.

Serve-se uma lauta ceia, em que não vigoram as proibições contra a bebida. Os foliões sentam-se a uma mesa com o mestre e o contra-mestre às cabeceiras, mas os palhaços em geral tomam lugar em mesa separada ou, excepcionalmente, fazem-no somente depois de servidos os foliões. Amigos e conhecidos, a convite do mestre, podem participar do ágape. Antes ou depois da ceia, o mestre comanda uma oração de agradecimento ou faz um pequeno discurso alusivo à jornada.

Terminada a ceia, o alferes toma posição, com o estandarte, diante dos foliões, e, ao som de cânticos, processa-se o desfardamento. Em primeiro lugar, os palhaços, a joelhados, retiram a máscara e abandonam as suas roupas, colocando-as aos pés da bandeira. Em seguida, um a um, os foliões ajoelham-se e despem os blusões. Os componentes da Voz do Disco Guanabara (Caxias) abriam os blusões e defumavam-se, antes de despi-los. Os últimos a realizar a cerimônia são, nesta ordem, o contra-mestre, o mestre e o alferes.

A Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro) arma, para o remate, um presépio fora de casa. Meninas em trajes de primeira comunhão carregam andores de São Sebastião e da Senhora das Graças em procissão que, precedida pela bandeira nacional e pela bandeira da folia e acompanhada por todos os foliões, cantando ladainhas, percorre as vizinhanças. De volta, os penitentes param diante do presépio e, todos cantando, a madrinha da folia vai retirando todas as figurinhas que o ornamentam. Finalmente, os palhaços revolvem tudo o que resta do presépio e tocam fogo às palhas. Este costume parece tomando às pastorinhas cariocas.

Depois da ceia, que se realizou à tardinha, a Voz do Disco Guanabara (Caxias) saiu em procissão pelas ruas, acompanhando um andor de São Sebastião e cantando hinos sacros, como *A nós descei, Divina Luz, No céu com minha Mãe estarei, Tantum Ergo*, etc., com enorme acompanhamento de mulheres e crianças carregando velas acesas. O desfardamento se fez em seguida diante do andor.

Esta cerimônia, na Estrela da Guia (Ilha do Governador), realiza-se no Centro Espirita Divino Espírito Santo, mantido pelo mestre Baioca.

### Entrega

A meia-noite chega o momento culminante da festa — e da folia.

Faz-se a entrega.

Os foliões aproximam-se da bandeira e depositam aos seus pés os instrumentos com que, durante toda a jornada, salvaram os Reis. Em algumas folias, a entrega dos instrumentos é simbólica, já que estes terão de servir na festa de dança que se prolonga até as 6 ou 7 da manhã. A entrega da bandeira se faz por último, ao som do Canto da Entrega. O alferes empunha novamente o estandarte e, ajoelhado, o dá à madrinha da folia, ge-

falmente a esposa ou a filha do mestre, — a quem já o dava ao regressar das caminhadas da jornada, — para que o tenha sob sua guarda "até pro ano que vem".

E, misturados com os convivas, mas distinguindo-se deles pelo boné que conservam à cabeça, os penitentes dançam e folgam até o sol raiar...

#### NOTA FINAL

Parece-nos que as folias, com a sua chegada à zona estudada, sofreram as seguintes modificações principais:

1.º — A jornada foi estendida por mais 14 dias, em sinal de cortesia para com a Capital da República, impondo, em consequência, a inclusão de São Sebastião na bandeira e nos cânticos da folia.

2.º — O número de foliões cresceu, tanto em virtude da reserva disponível, sempre engrossada pelo êxodo rural, como da aceitação que à folia dispensam os cariocas. A participação de mulheres nas folias parece um fenómeno recente, estimulado talvez pelo exemplo das escolas de samba. Este aumento dos efetivos da folia exigiu o aparecimento do fiscal, delegado do mestre para a manutenção da disciplina.

3.º — A farda — o uniforme dos foliões — tornou-se obrigatória e geral.

4.º — Crescendo o número de foliões, cresceu, concomitantemente, o de músicos. A folia, com este reforço, variou de instrumentos, fazendo lugar para aqueles que já encontrou valorizados no novo ambiente. Talvez assim se explique a presença do chocalho, da caixa-ré, da cabaça e — quem sabe? — do violão.

5.º — A carestia da vida na zona estudada fez com que a jornada, que era uma peregrinação contínua, ininterrupta, no interior, se realize apenas aos sábados e domingos e em geral nos dias de folga.

6.º — A multiplicação das folias deu-lhes uma consciência comum, responsável pela cordialidade, não só entre folias amigas, mas também entre folias que por acaso se encontrem em caminho.

7.º — A folia — como o revelam alguns cânticos e certas práticas — não pôde escapar à influência da macumba e do espiritismo para melhor acomodar-se às novas condições sociais.

#### BIBLIOGRAFIA

Este trabalho se construiu, essencialmente, com os dados colhidos em campo, durante a pesquisa.

Em pequenos detalhes, porém, — uma frase, um dado, uma observação, no máximo, — utilizamos os poucos escritos conhecidos de referência à folia na zona estudada, que são apenas os seguintes:

ARACI DO PRADO COUTO, Folias de Reis, in *Notícia dos folguedos populares do Distrito Federal*, contribuição do C.T.C. da Comissão Nacional de Folclore ao II Congresso Brasileiro de Folclore (Curitiba, 1953). Inédito.

CARLOS ANTONIO, Folias de Reis, *Última Hora*, Rio de Janeiro, 2 de de abril de 1953.

EDISON CARNEIRO, Elementos novos no folclore carioca, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1955.

SOLANO TRINDADE, As folias de Reis, *Manchete*, Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1954.

Valemo-nos ainda da **A região metropolitana do Rio de Janeiro**, Estudos de Sociologia Urbana, n.º 2, série sob a responsabilidade do prof. L. A. Costa Pinto, publicação da Secretaria de Agricultura da PDF, 17 p. mimeografadas, 1953, na confecção do capítulo "Migração das folias".

#### TÉRMINOS DE USO NAS FOLIAS

ALFERES — Porta-estandarte da folia, também chamado alferes da bandeira, bandeirista e bandeireiro, pessoa que carrega a

BANDEIRA — Estandarte da folia. Por extensão, a própria folia, por servir de centro polarizador dos foliões durante as caminhadas.

CAIXEIRO — Tocador de caixa, o tambor chamado caixa de guerra.

CHAMAR — Tocar (a orquestra) de maneira especial, dando a vez aos palhaços.

CHULA — O recitativo dos palhaços.

COMPANIA — Folia, coletivo que se explica pela formação militar do grupo em marcha.

CONTRA-MESTRE — Auxiliar e substituto eventual do mestre.

ENCONTRO — Encontro casual de duas ou mais folias na estrada, com troca de saudações, tocatas e exhibições dos palhaços.

ENTREGA — Cerimônia final de entrega dos instrumentos, da vestimenta de foliões e palhaços e do estandarte da folia, ao término da jornada.

FARDA — Vestimenta dos foliões.

FECHAR — Encerrar as atividades da folia, depois de cumpridos os sete anos de praxe.

FISCAL — Encarregado da disciplina, novo tipo de folião imposto pelo grande número de componentes de algumas folias.

FOLIÕES — Os componentes da folia, divisíveis em foliões, músicos e cantores uniformizados, e palhaços, dançarinos e cômicos. Embora não cante nem toque, o alferes inclui-se entre os foliões.

JORNADA — Período de peregrinação da folia, que outrora, no interior, ia apenas do Natal ao dia dos Reis, mas, na zona estudada, vai até 20 de janeiro, dia de São Sebastião.

LOUVA — Cântico de ocasião — para saudar o dono da casa, um presépio, uma outra folia que se encontre em caminho, etc.

MADRINHA — Pessoa — geralmente a mulher ou a filha do mestre — que toma sob sua guarda os objetos da folia, nos intervalos das jornadas.

MESTRE — Promotor e responsável pela folia.

MISTÉRIO — Estampa ou quadro da Adoração ou da Viagem dos Magos.

PALHAÇOS — Dançarinos e cômicos, mascarados, geralmente em número de três, que representam, para os foliões, os soldados de Herodes.

PANDEIRISTA — Tocador de pandeiro.

**PENITENTES** — Os foliões em geral, pois, com a folia, todos estão cumprindo penitência voluntária.

**PROFECIA** — Cântico inspirado na Bíblia, em que se contam episódios da Natividade. As profecias são na verdade os cânticos peculiares à folia.

**REMATE** — Encerramento solene da folia em cada ano, em que se inclui a entrega; festa promovida pelo mestre, em sua casa, com o dinheiro angariado durante a jornada.

**SANFONEIRO** — Toca dor de sanfona.

**TRIANGUEIRO** — Tocador de triângulo, devido à pronúncia popular triango.

**VIOLARIA** — Coletivo, conjunto dos instrumentos de corda da folia.

#### DOCUMENTÁRIO MUSICAL

N. B.

A autora destas transcrições,  
, informou-nos haver  
tomado a parte principal dos cânticos  
de folia, executada pelos instrumentos  
de corda, e a base rítmica dada pelos  
instrumentos de percussão.

DOCUMENTÁRIO MUSICAL

Folia de Reis ESTRELA DO ORIENTE  
(Morro da Babilônia, Leme)

Sanfona.

First system of musical notation for Sanfona. It consists of a treble clef staff with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is written in eighth notes. Below the staff is a line of rhythmic notation labeled "Percussão" with square notes.

Second system of musical notation for Sanfona. It continues the melody from the first system. The treble clef staff contains eighth notes, and the "Percussão" line below has square notes.

Canto

First system of musical notation for Canto. It features a treble clef staff with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is written in eighth notes. Below the staff are chords and a bass line with a "mf" dynamic marking.

Second system of musical notation for Canto. It shows a few chords and a bass line in the same key signature and time signature as the first system.

\* Variante

First system of musical notation for the Variante. It consists of a treble clef staff with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is written in eighth notes. Below the staff is a line of rhythmic notation. The system ends with a measure labeled "Canto etc." with a fermata over the note.

Andante

Recorrência: (simile)

Handwritten musical score for 'Folia de Reis FLOR DO ORIENTE (Caxias) - Chegada'. It consists of five staves of music. The first staff is marked 'Andante'. The second staff has a 'Recorrência: (simile)' instruction. The music is written in a single melodic line with a piano accompaniment.

Folia de Reis FLOR DO ORIENTE (Caxias)  
Chegada

Lento

1. Lá li-cen-ça no-be se-nhor — Au que o tem-po  
 2. Ta-mos tra-zen-doa-le-gi-a — E' do Je-sus a-  
 3. Ta-mos tra-zen-doa-logres nov (as) E' deu-ma'ar-vê" que,  
 4. E' o Je-sus ne-lo de An (na) E' que de Ma-ti-  
 5. Au os três Reis quando su-be (ram) E que Je-sus e-  
 6. E sa-a-ram pra pro-cu-rar — O Me-ni-no Deus

1. e' che-ga — (do)  
 2. nun-ci-a — (do)  
 3. flo-tos — (sem)  
 #4  
 #5  
 con-ce-bi — (do)

\*  
 - a nas-con —  
 - ra nas-ci — (do)

Adoração

can-to-res, em-tre (mim)

1. Em-tre-mos, em-tre (mim) E' por-is-te sa-lão do-  
 Tenor/Alto  
 -ca (do) E' por-is-te sa-lão do-ra (do)

Handwritten musical score for 'Adoração'. It includes two staves of music. The first staff is for the vocal line with lyrics. The second staff is for the piano accompaniment.

2. Eu von en-tan-dou-vou sal-van-do E' pra sem-pre se-ja lo-  
 Tenor/Alto  
 -va (do) E' pra sempre se-ja lo-va (do)

Handwritten musical score for 'Adoração'. It includes two staves of music. The first staff is for the vocal line with lyrics. The second staff is for the piano accompaniment.

3. E os três reis do O-ri-en-te E' na som-bea do seu Je  
 4. Tamos fa-zen-dos o-ra-ção — E' que de Deus "sa-mos" man-  
 Tenor/Alto  
 -tha (do) E' na som-bea do seu-le-tha (do)  
 -da (do) E' que de Deus "sa-mos" man-da (do)

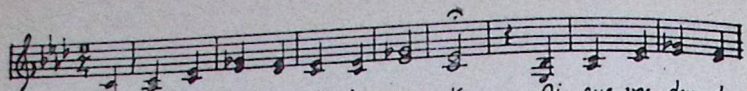
Handwritten musical score for 'Adoração'. It includes two staves of music. The first staff is for the vocal line with lyrics. The second staff is for the piano accompaniment.

5. Na mi-nha ban-dei-ra go E' san-to de gran-de vir-  
 6. E-le vem "le" vi-si-tar — E vem "le" tra-zer a sa-

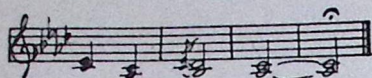
Handwritten musical score for 'Adoração'. It includes two staves of music. The first staff is for the vocal line with lyrics. The second staff is for the piano accompaniment.

-tu (do) E' san-to de gran-de vir-tu (do)  
 -ú (do) E vem "le" tra-zer a sa-ú (do)

## Despedida

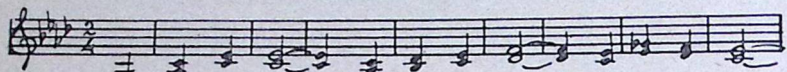


1	Que Deus "le" pa-gua be-las-fer-ta	Ai que vos deu de
2	E os três reis que "le" a-ju-da-ai	Que Deus "le" o-mem-
3	E os três reis que se des-pe-de-ai	E do Je-sus ver-
4	E -le vos con-ve-da pea-fer-ta	Nô di-a vin-te
5	E a-deus se-nho-res, se-nho-ras	E a-deus cri-an-
6	E a-deus to-dos des-ta ca-sa	E a-te pa-ra-a-
7	E' de-em-be-gá' nos-sa ban-dei-ra	Pe-la mão do meu

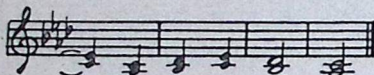


co-ra são- ai —  
 -leas por-ção, ai —  
 — da-dei- ro, ai —  
 de ja- nei- ro, ai —  
 -ças ta- bém, ai —  
 -no qui vem, ai —  
 por- ta- dor, ai —

## Chegada



1	a- cor- dai — se 'stá dor- min — (da) Des- te so- no —
2	Ai és te so — no tão pro- fun — (da) Nô nos- so - cor-
3	Ai o can- tar — da mei- a noi — te, li é um can-
4	E a- cor- dai — se 'stá dor- min — do E com- so- lai
5	A noi- te que — Je- sus nas- ceu — E foi não tm-
6	E lá es- ta — vam os pas- to — (da) E a- vi- sa (da)
7	E res- ta noi- té ven- tu- so — (da) E gra- ças —
8	Com a- le- gri- a nós lô- ve — (nos) Que a tra- ri-



— ce- les- ti- al, ai.  
 — po são mor- tal, ai.  
 — tar ex- ce- len- te, ai  
 — quem 'stá do- en- te, ai  
 — ge de Be- tlem, ai.  
 — fo- ram tam- bém, ai  
 — de- mo' a Je- sus, ai  
 — a deu a luz, ai

DOCUMENTÁRIO FOTOGRAFICO



Fig. 1 — A Voz do Disco Guanabara em marcha, vendo-se à esquerda o mestre João Pacheco.

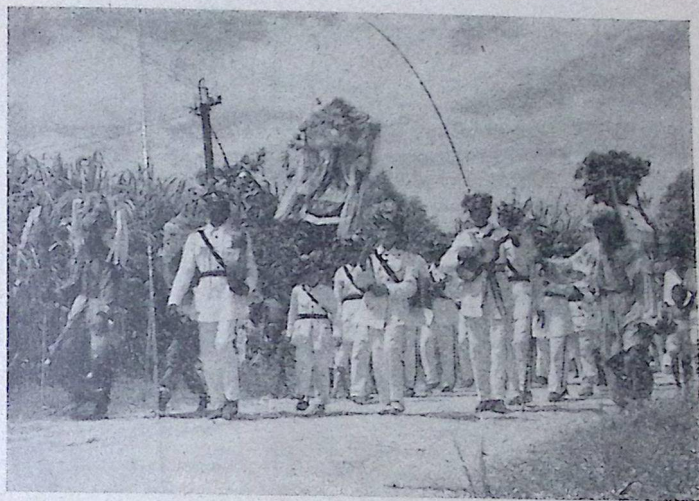


Fig. 2 — A Flôr do Oriente em marcha. Observe-se a posição dos palhaços, no lado da bandeira. À direita, tocando viola, o mestre Miguel Vicente.



Fig. 3 — Alferes e músicos da Flôr do Oriente.



Fig. 4 — A bandeira da Estréla d'Alva.

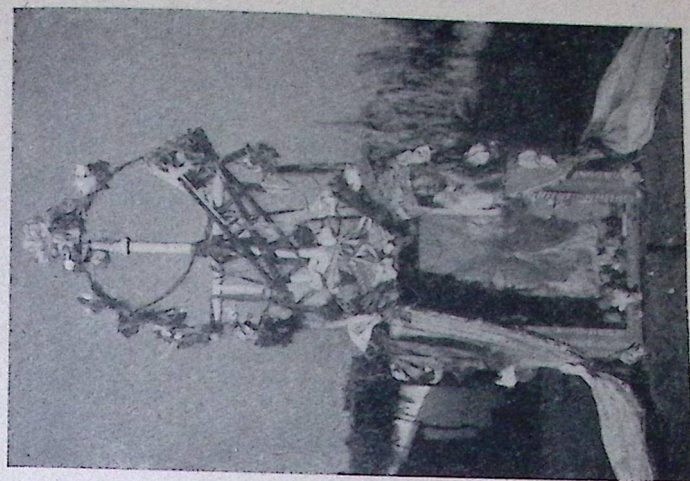


Fig. 5 — A bandeira da Voz do Disco Guanabara.



Fig. 6 — Palhaços da Flór do Oriente.



Fig. 7 — Palhaços da Flór do Oriente.



Fig. 8 — Palhaços da Flór do Oriente.



Fig. 9 — Palhaço da Voz do Disco Guanabara.



Fig. 10 — Exibição dos palhaços da Flôr do Oriente.



Fig. 12 — Exibição dos palhaços da Flôr do Oriente.



Fig. 11 — Exibição dos palhaços da Flôr do Oriente.



Fig. 13 — Exibição dos palhaços da Flôr do Oriente.

Festa do remate na Voz do Disco Guanabara:



Fig. 14 — Cerimônia da entrega.



Fig. 15 — Desfardamento.

Festa do remate na Voz do Disco Guanabara:

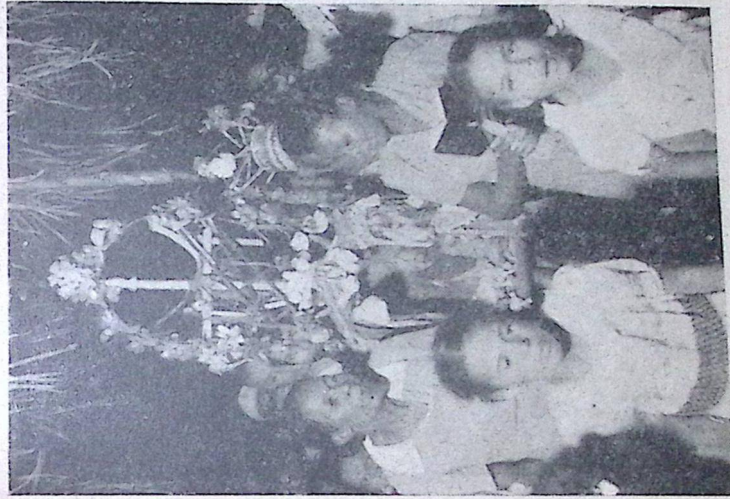


Fig. 16 — Meninas carregam o andor de São Sebastião sobre o qual se hasteia a bandeira da folia.



Fig. 17 — Os penitentes em procissão, vendendo-se à esquerda mestre João Pacheco.

